

DERRIDA, FREUD E O RETORNO DO ARQUIVO

DERRIDA, FREUD Y EL RETORNO DEL ARCHIVO

DERRIDA, FREUD AND THE RETURN OF THE ARCHIVE

Ruben Carmine Fasolino

Universidad Complutense de Madrid

E-mail: rubencfa@ucm.es

Natal (RN), v. 21, n. 35
Janeiro/Junho de 2014, p. 63-83

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109

Resumo: O artigo trata de situar-se numa zona delicada, a do arquivo e os seus males tal e como nos foram legado pela obra de Freud. A nossa intenção será colocar-nos à escuta da impressão freudiana, ajudados pelas reflexões de Derrida recolhidas na sua obra *Mal de arquivo*. A fórmula “o retorno do arquivo” é uma referência à dita obra e à experiência do registo promovida por Freud sob a palavra *Verdrängung*, o recalque que é impossível desligar do seu retorno. Encaminhando-nos para as reflexões de Derrida e Freud, trataremos de esboçar a problemática do arquivo e dos seus males, das suas condições de possibilidade e do seu estatuto inquietante para as questões da origem, da verdade e do testemunho.

Palavras chave: arquivo, retorno, transferência, testemunho, verdade, *pharmakon*

Resumen: El artículo trata de situarse en una zona delicada, la del archivo y sus males tal y como nos fueron legados por la obra de Freud. Nuestra intención será la de ponernos a la escucha de la impresión freudiana ayudados por las reflexiones de Derrida recogidas en su obra *Mal de Archivo*. La fórmula «el retorno del archivo» es una referencia a dicha obra y a la experiencia del registro promovida por Freud bajo la palabra *Verdrängung*, la represión que es imposible desligar de su retorno. Encaminándonos hacia las reflexiones de Derrida y Freud, trataremos de esbozar la problemática del archivo y sus males, de sus condiciones de posibilidad y su estamento inquietante para las cuestiones del origen, la verdad y el testimonio.

Palabras clave: archivo, retorno, transferencia, testimonio, verdad, *pharmakon*

Abstract: The essay is located in a susceptible area: the question of the file and its evils as we were bequeathed by the Freud's works. Our intention will be to get to listen the Freudian impression aided by Derrida's reflections collected in his work *Archive fever: a*

Freudian Impression. The phrase "the return of file" is a reference to that work and experience of registry promoted by Freud under the word *Verdrängung*. Heading into the thoughts of Freud and Derrida, try to outline the problems of file and its ills, its conditions of possibility and the unsettling questions of origin, the truth and the testimony.

Keywords: archive, return, transference, testimony, truth, *pharmakon*

Algumas palavras sobre as questões do arquivo, dos seus males e seus retornos, da sua lógica de inscrição e dos seus rebentos impõem-se numa época onde a possibilidade do arquivo se estende além dos seus pretendidos limites materiais – pensemos nos serviços *clouds*, uma tecnologia que permite conectar-se aos arquivos em qualquer lugar e momento, sempre que se disponha da prótese adequada.

É numa época amparada pela antecipação calculadora da tecnologia que assume o semblante de uma angustiada quietude sob controlo, onde inclusive o conceito de arquivo parece revelado como *hic et nunc* sempre disponível, o *genspenst* de Freud continua lembrando-nos – assim como na sua Viena *fin de siècle* – que se falamos novamente de registro e rasto, é a partir de um certo mal-estar do qual ele soube captar todas as ramificações, até as mais marginais. Mas em que medida falamos *disso*? Na medida oposta a qualquer discurso hegemónico e estruturado sob o patronato do pai logos¹, o discurso que não admite fissuras em nome de uma razão universal. Foi Freud quem, com inusitada força, mostrou que os caminhos pelos quais aparece o incondicional do sujeito não são os assignados ao discurso de um logos seguro da sua própria presença e voz, mas aquelas fendas que percorrem o corpo, as emergências a meia voz, os documentos de arquivo que se revelam com efeito de retardo e sem possibilidade de domesticação calculadora. O detalhe que guiou Freud e a psicanálise – o mesmo podemos dizer da

¹ Não fazemos referência à reflexão heideggeriana sobre o *logos* como λέγειν, o colocar ou dispor perante si, mas ao logos como proceder da *ratio*, razão suficiente e hegemónica, uma *ratio* regedora do mundo.

desconstrução – é o que parece escapar aos desígnios do autor e permanecer numa certa opacidade, fechado em relação à intenção da sua predicação. Nesse ponto, nesse momento, se identifica um *ça parle*, um *ça se desconstrói*, um mal de arquivo.

Numa conferência pronunciada em 1994 na casa-museu dos Freud em Londres, intitulada em princípio *O conceito de arquivo: uma interpretação freudiana*, surgiu um magnífico texto que nos foi legado como *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Derrida expõe uma tese – pelo menos três – e explora os possíveis males de arquivo a partir do primeiro e mais corrosivo: o fato de que não temos sequer – contrariamente à euforia contemporânea – um conceito ao qual pretendemos associar a palavra ‘arquivo’. Esse é o seu mal, o mal radical do arquivo: uma noção vaga da qual nos fica apenas uma impressão instável, a de Freud, a de Derrida, a nossa. Pareceria – a partir dessa ‘impressão’ – um problema no seio da verdade como *adaequatio* o que não nos permite a constatação certa do arquivo.

Antes de dedicar algumas páginas à questão do arquivo, é importante centrar primeiro a atenção num aspecto a considerar para a gênese daquilo que Freud, na sua fugaz impressão, define como *arquivo*: se trata da ‘*Verdrängung*’, palavra de tortuosa tradução. Derrida, no seu texto já mencionado, nota imediatamente isso e escreve:

Diferentemente do recalque (*Verdrängung*, *refoulement*, *repression*), que permanece inconsciente na sua operação e no seu resultado, a repressão (*Unterdrückung*, *répression*, *suppression*) opera aquilo que Freud chama uma ‘segunda censura’ – entre o consciente e o pré-consciente, ou ainda afeta o afeto, isto é, aquilo que *não* pode deixar-se recalcar (*repress*) no inconsciente, mas somente reprimir (*suppress*) e deslocar-se para um outro afeto (Derrida, 2001, p. 43).

Nessa passagem Derrida sublinha diversos aspetos: evidentemente o da tradução – o *traducere*, o ‘fazer passar além’ ao qual nos referiremos em poucas linhas – e, em particular, a questão decisiva para a psicanálise que na continuação da conferência, adverte o próprio Derrida, não poderá retomar. Trata-se daquilo

que está ligado e referido ao ‘afeto’ na prática psicanalítica e remete a um exercício quase fenomenológico no momento em que Freud propõe uma distinção fundamental entre o afeto e o conteúdo da representação aderido a isso². Como conceber que um conteúdo possa ser retocado sem que a exteriorização do afeto correspondente se altere? Tratemos de aclarar começando por recordar que essa aparente contradição percorre também – além das questões de arquivo com a que está profundamente entrelaçada – toda a obra de Freud e assoma a sua presença desde os seus primeiros escritos. Concretamente podemos ler a seguinte declaração em *As neuropsicoses de defesa*, obra do ano 1894:

A conversão pode ser total ou parcial, e sobrevirá naquela intervenção motriz o sensorial que mantenha um nexo, mais íntimo ou mais lasso, com a vivência traumática. O eu conseguiu assim ficar isento de contradição, mas, em troca, lançou sobre si o lastro de um símbolo mnêmico que habita a consciência como uma parasita, seja como uma inervação motriz irresolúvel ou como uma sensação alucinatória que continuamente retorna, e que permanecerá aí até que sobrevenha uma conversão na direção inversa. Em tais condições, o rato mnêmico da representação recalcada [esforçada ao desalojo] não foi sepultada [*untergeben*], mas que forma no sucessivo o núcleo de um grupo psíquico segundo (Freud, 1976, p. 51).

Aqui nos cruzamos com diversos pontos que suporiam uma claração, a começar pelo ‘lastre de um símbolo mnêmico’, mas por

² Muito brevemente voltemos a resumir a etiologia da neurose na sua formulação essencial, quando ainda não se tinha em conta a compulsão à repetição: frente a uma representação inconciliável (*unverträglichen Vorstellung*) que não pode ser descarregada e ‘metabolizada’, o eu (o ‘agenciamento repressor’) aplica uma censura (*Abwehr*) cujo fim é a defesa (*Widerstand*): se empreende assim uma separação entre o conteúdo de representação e o seu afeto mediante uma conversão a uma parte do corpo – no caso da histeria –, uma transposição mediante um enlace falso a outra representação psíquica – no caso de uma neurose obsessiva – ou o deslocamento do afeto para um objeto substitutivo – no caso da fobia. O que se recalca (*verdrängt*) é a representação inconciliável correspondente ao trauma, mas não o efeito: este segue operativo e modula os retornos em sintomas somáticos, insistências obsessivas e fobias, reconhecidas como ‘formações de compromisso’.

agora continuaremos agregando as posteriores esclarecimentos de Freud sobre o conteúdo e a exteriorização do afeto:

Se numa pessoa predisposta [à neurose] não está presente a capacidade convertedora e, contudo, para defender-se de uma representação inconciliável se empreende o divórcio entre ela e o seu afeto, *forçosamente esse afeto permanecerá no âmbito psíquico*. A representação agora enfraquecida fica segregada de qualquer associação dentro da consciência, *mas o seu afeto, libertado, adere a outras representações, em si não inconciliáveis, que em virtude dessa 'falsa ligação' devem representações obsessivas* (Freud, 1976, p. 53).

O sublinhado é de Freud e as duas citações são esclarecedoras de tudo aquilo que se desenvolverá na teoria e práxis analítica. Para fugir de uma representação inconciliável, o aparato psíquico – na neurose – tem várias possibilidades: as mais conhecidas são a transposição ao somático – e falamos de histeria –, ou o deslocamento através de uma falsa ligação a outras representações – e entramos no domínio da neurose obsessiva. Tudo isso é possível porque, através da defesa, operou-se um divórcio entre o conteúdo de representações e seu afeto – o qual mostra que o sintoma é uma defesa, um gasto sem dúvida, que continua sendo menor para o organismo porque permite ao sujeito ‘rodear’ a questão concernente ao seu desejo. Voltaremos sobre isso.

O ‘divórcio’, ao longo da teoria freudiana, é obra do ‘agenciamento repressor’ do ‘eu’ e, finalmente, da angústia. Sem entrar em detalhes em relação à evolução da formação de sintoma em Freud – caminho sugestivo mas que nos levaria por lugares longínquos à presente pesquisa –, nos urge ressaltar que no começo das teorizações o tema da formação de sintoma se resumia nos seguintes termos: frente a uma representação inconciliável, pelo acúmulo de excitação que sobre ela gravita, se opera o recalque, isto é, o conteúdo de representação é *desalojado* e o afeto *deslocado*. É nesse momento que intervém o sintoma como formação de compromisso: a soma de excitação – o afeto – não pode ficar privada de um nexos associativo e deverá deslocar-se ao corpo ou a outra representação. Deverá, em resumo, ser sempre material significativa porque tanto o sonho como o sintoma estão estruturados segundo sucessão e simultaneidade de *significantes*.

Esta palavra que acabamos de sublinhar nos impõe uma digressão. Antes de mais, vale a pena considerar as conferências 17ª e 18ª de introdução à psicanálise, “O sentido dos sintomas” e “A fixação ao trauma, o inconsciente”, que são – por clareza e concisão – essenciais para a compreensão do que significa sintoma em psicanálise. Que Lacan fale de sintoma como metáfora não nos parece uma violência ao texto freudiano, na medida em que lemos em vários momentos da obra freudiana que a formação de sintoma passa pela permutação. Freud mostrou isso no seu *Traumdeutung* e Lacan resumiu isso na seguinte fórmula, que parafraseamos: todos os elementos que se encontram associados na cadeia significante podem ver-se tomados como equivalentes uns de outros. Não sendo assim, como interpretar o que Freud escreve sobre o caso Dora?:

Já averiguamos que um sintoma corresponde com toda regularidade a vários significados *simultaneamente* [*Bedeutungen gleichzeitig*]; agreguemos agora que também pode expressar vários significados sucessivamente [*Bedeutungen nacheinander*]. O sintoma pode variar um dos seus significados ou seu significado principal no curso dos anos, ou o papel reitor pode passar de um significado a outros. Há como um rasgo conservador no caráter da neurose: o fato de que o sintoma já constituído se preserva no possível, por mais que o pensamento inconsciente no qual se expressara perca significado (Freud, 1978, p. 46).

De fato, a simultaneidade de significados no sintoma e a sua concatenação pela sucessão remetem aos tropos da metáfora e a metonímia e estes, pela sua vez, aos processos de condensação e deslocamento como condições de possibilidade do sonho. E o preço a pagar nessa operação de defesa – já vimos mais acima – é um resto, um lastre, “um símbolo mnêmico que habita a consciência como uma parasita”, ora através de inervações motrizes irresolúveis, afonias, etc.; ora como uma sensação alucinatória que continuamente retorna, cegueiras, ofuscações da visão, etc.; ora como ações obsessivas que se repetem com insistência, conhecidas também como “formações de compromisso”³. Aqui podemos

³ O simbolismo onírico terá a mesma finalidade que o sintoma neurótico: a de um compromisso substitutivo que ocupa o lugar entre o reprimido –

começar a pensar o *ça parle* lacaniano e a insistência na cadeia significante como busca repetitiva do elo elidido, do significante enigmático. De fato, quando representamos o inconsciente como a memória do que se esquece, trata-se de uma forma de traduzir aquilo que Lacan transmitiu como o significante elidido, aquele que saltou da cadeia (Lacan, 1988, p. 270). Outra coisa não é para Lacan o sujeito representado por um significante – e para outro significante – que o significante elidido enquanto sujeito⁴.

La présence du signifiant dans l'Autre, est en effet une présence fermée au sujet pour l'ordinaire, puisque ordinairement c'est à l'état de refoulé (*verdrängt*) qu'elle y persiste, que de là elle insiste pour se représenter dans le signifie, par son automatisme de répétition (*Wiederholungszwang*) (Lacan, 1966, p. 539)

Seguindo Lacan podemos afirmar que o discurso da psicanálise introduzido por Freud mostra de forma cabal o seguinte: o sujeito situa-se em relação a uma elisão, a um esquecimento: *(ele) não sabe nada disso*. Mas o “isso” do qual nada sabe é precisamente o sujeito barrado, o sujeito do inconsciente que fica na sombra da atividade acomodadora e ficcional do eu, um eu que, amparado pela sua função de síntese aparente, não deixa de originar-se a partir de uma série de identificações que lhe outorgam a sua identidade a partir do outro.

Do que se trata na divisão do sujeito é do lugar da memória descoberto por Freud ao qual chamará de inconsciente e que Lacan, pela sua parte, nos legará como o Outro (*Autre*), uma memória onde a indestrutibilidade de certos desejos fica como uma questão aberta, uma série de documentos de arquivo aos quais não é possível aceder como se fosse uma caixa aberta à curiosidade. Porque aí, nesse lugar, gestam-se vários males e um deles é a impenetrabilidade de alguns documentos, um acesso barrado e por vezes modificado com posterioridade, um arquivo que persiste no estado desalojado e que provoca uma insistência – parasitária – para

quer seja um evento traumático exterior ou um desejo impronunciável – e o agenciamento repressor.

⁴ Cf, Jorge Alemán (2003, p. 23): “A hipótese do inconsciente é um modo de conceber a captura do ser falante pela língua”.

poder ser exumado (Freud, 1978, p. 294). O arquivo como resto desenterrado “Es war, als ob man ein, wohl in Ordnung gehaltenes, Archiv ausnehmen würde”⁵, um arquivo exumado, devolvido à luz em perfeita ordem.

A questão do arquivo, dos seus males e dos seus retornos, está ligada outro aspecto iniludível: o da ‘impressão’, que Derrida, no preâmbulo de *Mal de arquivo*, assinala:

A primeira impressão seria *escritural* ou *tipográfica*: é a de uma inscrição (Freud utiliza *Niederschrift* do início ao fim de sua obra) que deixa uma marca na superfície ou na espessura de um suporte. (Derrida, 2001, p. 34).

Sabemos que ao longo da sua obra Freud abunda em metáforas ligadas à ideia da impressão e da inscrição, incluindo palavras circunscritas ao domínio da tipografia, tais como ‘reimpressão’ (*Neudruck*) e ‘reedição’ (*Neuaufgabe*). Além da famosa carta enviada a Flies a 6 de Dezembro de 1896, vale a pena atender às páginas nas quais se analisa o processo da transferência (*Übertragung*) para ver que também o analista deve lidar com reimpressões e reedições de vivências psíquicas que para o paciente permanecem inconscientes, mas que vive “como vínculo atual com a pessoa do médico” (Freud, 1976, p. 101)⁶. Também nesse transporte de afetos correspondente a vivências do passado que nunca foram presentes, que retornam como afeto à consciência sem as lembranças das circunstâncias e que se vivem com o psicanalista como se pertencessem à atualidade – e também nesse transporte se trata de um mal de arquivo, de um retorno do arquivo. Noutras palavras: o mal de arquivo como transferência é aquele momento no qual se implica um não saber por parte do sujeito e se constitui um sujeito-suposto-saber, o analista, que não tem porque saber – e

⁵ “Era como se se exumara um arquivo mantido em perfeita ordem.” (Freud, 1978, p. 293-295)

⁶ Contudo, a primeira vez que aparece o termo ‘transferência’ no mesmo sentido é nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1978, p. 306-307).

de fato não sabe nada⁷. A transferência é cabalmente o encontro de 1) outro através do qual o sujeito pode desenvolver o inconsciente enquanto saber desenvolvido como efeitos de verdade, mas que se produzem – tais efeitos – em domínios não controlados pelo saber. É outro lugar onde podem dar-se o *ça parle* e o *ça se desconstrói* enquanto nas transferências plasma-se uma estrutura que põe em jogo (algo de) a verdade e que não tem nada a ver com uma série de sentimentos advertidos pelo paciente. É cabalmente uma reprodução na qual o mais transparente passa completamente inadvertido para o sujeito: os seus arquivos exumados. Mas esses arquivos exumados respondem ou pertencem às categorias da verdade como *aletheia* ou *adaequatio*? Antes de responder à pergunta teremos que debater sobre as condições de possibilidade da transferência. Como ‘se faz’ a transferência? Será necessária outra, um breve rodeio (*detour*) para captar melhor a importância desse conceito fundamental.

Freud aborda diretamente o tema pela primeira vez no caso de Dora – um exemplo, pelo demais, onde não há um uso exemplar da transferência. Aí surge uma definição precisa e que não se modificará essencialmente nas suas seguintes obras:

O que são as transferências? São reedições, recriações das moções e fantasias que, à medida que a análise avança, despertam e tornam-se conscientes; mas o característico de qualquer gênero é a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Noutras palavras: toda uma série de vivências psíquicas anteriores não é revivida como algo passado, mas como vínculo atual com a pessoa do médico. Há transferências destas que não se diferenciam dos seus modelos quanto ao conteúdo, fora da aludida substituição. São então, para continuar com o símil, simples reimpressões, reedições sem mudanças (*Das sind also, um in dem Gleichnisse zu bleiben, einfache Neudrucke, unveränderte Neuauflagen*). Outras procedem com mais arte; experimentaram uma moderação do seu conteúdo, uma *sublimação*, e até são capazes de devir conscientes

⁷ Aclaremos que a transferência, sem dúvidas um mal de arquivo, é também a única âncora de salvação para a análise: “A transferência, destinada a ser o máximo impedimento para a psicanálise, converte-se no seu auxiliar mais poderoso quando se logra deduzi-la em cada caso e traduzi-la para o doente” (Freud, 1978, p. 103).

apoiando-se em alguma particularidade real da pessoa do médico ou das circunstâncias que o rodeiam, habilmente usada (Freud, 1978, p. 101)⁸.

De quem é subalterno o médico? Dos primeiros objetos amorosos que, habitualmente, são os pais. As moções pulsionais experimentadas com os pais ou com aqueles que exerceram as suas funções, voltam numa ‘reimpressão’ (*Neudruck*) e ‘reedição’ (*Neuaufilage*), mas pode tratar-se também – e aqui radica o mal de arquivo para o qual não dispomos de um conceito – de uma repetição sem edição original: algumas moções pulsionais que se reeditam na atualidade com o analista, não foram vividas como tais na sua época e ganham corpo agora, em virtude da transferência – reedição. Este arquivo que na sua origem é repetição assume o estatuto do *gramme*: é índice de si próprio (*index sui*)⁹. Reeditam-se arquivos, (re)aparecem de um modo quicá *unheimlich*, com uma familiaridade que torna-se suspeita e inquietante.

Por isso, com Derrida nos perguntamos: até que ponto podemos tratar do “conceito de arquivo” antes e depois de Freud? Derrida nos deixa, sem dúvida, algumas linhas de vibrante homenagem ao pai da psicanálise:

Quero falar da *impressão deixada* por Freud, pelo acontecimento que leva este nome de família, a impressão quase inesquecível e irrecusável, inegável (mesmo e sobretudo por aqueles que a negam) que Sigmund Freud fez sobre todo aquele que, depois dele, falar *dele* ou falar *a ele* e que deve, aceitando-o ou não, sabendo-o ou não, deixar-se assim marcar: em sua cultura, em sua disciplina, seja ela qual for, em particular a filosofia, a medicina, a psiquiatria e mais precisamente aqui, uma vez que

⁸ Cf. também Lacan (2004, p. 202) no seu seminário dedicado à transferência, onde insiste em que a realidade do passado é a essência da transferência. Mas o passado se dá como reprodução e não como presença.

⁹ Sobre isso citamos a seguinte passagem, tomada da obra *Sonho e telepatia* (1922), sobre um sonho recorrente de uma mulher onde o rosto do sujeito masculino não se apresenta até certo momento: “O original nunca se lhe mostrara, mas a sua cópia (*Abdruck*) na ‘transferência’ autoriza a conclusão de que seria desde sempre o pai” (Freud, 1979b, p. 205). A estrutura da verdade é colocada em tela de juízo pela dinâmica da transferência enquanto a mesma se dirige inconscientemente sobre um objeto que reflete outro.

devemos falar de memória e de arquivo, a história dos textos e dos discursos, a história das ideias ou da cultura, a história da religião e a própria religião, a história das instituições e das ciências, em particular a história deste projeto institucional e científico que se chama psicanálise. Sem falar da história da história, a história da historiografia. Seja em que disciplina for, não podemos, não deveríamos poder, pois não temos mais o direito nem os meios, pretender falar disso sem termos sido de antemão marcados, de uma maneira ou de outra, por essa impressão freudiana. É impossível e ilegítimo fazê-lo sem ter integrado, bem ou mal, de maneira consequente ou não, reconhecendo-a ou negando-a, isso que se chama aqui a *impressão freudiana*. Se temos a impressão de poder não tê-la em conta, esquecendo-a, apagando-a, rasurando-a ou objetivando-a, já confirmamos, e poderíamos até dizer endossamos (portanto arquivamos), algum "recalque" ou alguma "repressão" ("*repression*" ou "*suppression*"). Eis aí talvez o que eu entendia sem entender, aquilo que eu queria obscuramente subentender, por "impressão freudiana" ao me deixar ditar estas palavras ao telefone (Derrida, 2001, p. 45-46).

“Me deixar ditar estas palavras ao telefone”, aparelho protésico representante do *ghost* com o qual Derrida pode entender sem entender – ou entender *après coup*, com efeito de retardo – a “impressão freudiana”, *impressão* depois da qual não se poderá tratar a questão do arquivo. Não da mesma forma, pelo menos. Pouco importa que a impressão deixada por Freud se integre bem ou mal nas andanças contemporâneas de, por exemplo, os mencionados serviços *clouds*, as sua impressão tem um valor retroativo e modificou – desde sempre – aquilo que lhe pertence ao arquivo, aos seus males e a toda a problemática que o rodeia. Qualquer gesto de evasão referendará a impressão freudiana, e não vale de nada apelar à distinção de métodos ou disciplinas: “não temos mais o direito nem os meios [para isso]”, diz Derrida (2001, p. 45).

Há muitos temas em *Mal d'archive* que pesam sobre o próprio arquivo e que não poderemos tratar suficientemente, pela simples razão de que deveríamos aprofundar aspectos que excedem o presente trabalho: a psicanálise como ciência judia; a devolução por parte do pai de Freud – Jakob, o arqui-patriarca da psicanálise – de um exemplar da Bíblia com uma “pele nova” (Derrida, 2001, p. 34-37, 45 e 52) – lembrança figural de uma circuncisão; a herança do judaísmo em Freud e da psicanálise como essência do judaico.

Em todo o caso, nos interrogaremos por aqueles momentos que unem a reflexão derridiana sobre a inscrição, o suporte e o espaçamento no corpus freudiano, tal e como fica refletido na seguinte passagem:

Freud tornou possível o pensamento de um arquivo propriamente dito, de um arquivo hipomnésico ou técnico, do suporte ou do subjetível (material ou virtual), que, no que é já um *espaço* psíquico, não se reduz à memória: nem à memória como reserva consciente nem à memória como rememoração, como ato de lembrar. O arquivo psíquico não se reduz nem a *mneme* nem a *anamnesis*. (Derrida, 2001, p. 11)

Sabemos – graças à publicação de documentos privados – que a questão do arquivo foi escrita e enviada por Freud ao seu amigo Fliess numa carta de 1896. Aí não se fala do ‘arquivo’ enquanto tal, mas sim da impressão:

Você sabe que trabalho com o suposto de que o nosso mecanismo psíquico se gerou por estratificação sucessiva, porque de tempo em tempo o material preexistente de traços mnêmicos experimenta um *reordenamento* segundo novos nexos, uma *retranscrição* (*Umschrift*)¹⁰. O essencialmente novo na minha teoria é, então, a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registada em diversas variedades de signos. No seu momento (afasia) afirmei um reordenamento semelhante para as vias que chegam desde a periferia [do corpo à superfície cerebral]. Eu não sei quantas dessas transcrições existem. Pelo menos três, provavelmente mais (Freud, 1982, p. 274).

Essa carta, o seu destino, a sua herança – o seu *destinerrance* – nos acompanhará inevitavelmente ao longo de todo o trabalho dedicado a Freud, o percorrerá desviando-se e suspendendo-se, chegando finalmente ao seu destino, ainda que fora de tempo. É importante esclarecer que o arquivo foi do interesse de Freud a partir dos *Estudos sobre a histeria* escritos com J. Breurer, nesse momento inaugural da psico-análise antes da psicanálise. A palavra arquivo (*Archive*) aparece pela primeira vez nesses estudos (Freud,

¹⁰ Seguimos a tradução de Etcheverry de *Umschrift* por *retranscrição* ou *inscrição* – tal e como traduz na edição completa das cartas Fliess, aparecida na América do Norte em 1985. Agreguemos que poderia traduzir-se ‘re-escritura’ ou ‘sobre-escritura’.

1978, p. 294) e, contrariamente ao que pode parecer, é um termo que aparecerá só outra vez no escrito *Sobre o mecanismo psíquico da desmemória* (Freud, 1976, p. 296).

Depois a palavra ‘arquivo’ permanecerá ausente. Mas a psicanálise e a desconstrução ensinaram que não é suficiente a ausência de um elemento para que tal elemento não continue promovendo efeitos: mais do que nunca, uma palavra ausente pode continuar insistindo no seu sentido e promover outros no edifício discursivo. É o caso do arquivo em Freud: nomeia poucas vezes o ‘arquivo’, mas escreve sobre ele desde o início, como mostra o texto já mencionado de *Estudos sobre a histeria*:

(...) o processo em virtude do qual o fenômeno em questão teve lugar a primeira vez, fato que costuma remontar muito atrás no tempo. Na grande maioria dos casos não se consegue esclarecer esse ponto inicial através do simples exame clínico, por muito exaustivo que seja; isso se deve em parte a que costuma tratar-se de vivências que o doente acha desagradáveis de comentar, mas, fundamentalmente, de que não se recorda, e muitas vezes vislumbra o nexos causal entre o processo ocasionador e o fenômeno patológico (Freud, 1978, p. 29).

A falta do elemento patógeno do – ou no – arquivo é o desencadeante da histeria – definindo o histérico como aquele que “padece pela maior parte das reminiscências” (Freud, 1982, p. 231). Quiçá não se trate tanto de uma falta *do* arquivo como de uma falta *no* arquivo: com efeito, já Freud colocava entre aspas a questão do esquecimento *na* “lembrança ‘esquecida’” (“Vergessen’ Eirnnernung”) (ibidem, 278).

Como é possível o arquivo enquanto tal e o seu retorno, movimento que faz dele um *pharmakon* para si mesmo e para aquele ao qual o retorno está destinado? É uma afirmação arriscada dar ao retorno do arquivo freudiano o estatuto do *pharmakon* tal e como foi esclarecido por Derrida em *A farmácia de Platão*. Sabemos que o *pharmakon* perturba qualquer possibilidade de ‘mesmidade’, de volta sobre si, sempre que a volta à mesmidade não esteja alterada de tal forma que introduza no mesmo que retorna uma alteração ingovernável. Com efeito, com o retorno do reprimido, devia supor-se a cura: a representação inconciliável pode ser significada e com ela, a posteriori, o afeto deslocado pode deixar de

ocupar o lugar parasitário no interior da consciência, encontrando o seu justo alojamento e deixando de insistir na cadeia significativa para poder ser simbolizado. Contudo, sabemos que não há recalque sem retorno do recalcado, isto é, não há ‘o recalcado’ enquanto tal, mas apenas o retorno dele. Um tal impasse para o pensamento é o destino da psicanálise tal e como a conhecermos pela famosa carta já mencionada de 1896: a impressão de traços mnêmicos como *Wahrnehmungszeichen* se dá num espaço tempo indeterminável. Só é possível determinar a impressão ‘original’ a posteriori, *après coup*, caindo imediatamente num dado: se a gênese da significação se dá sempre a posteriori, com efeito retardado, como diferença e diferimento, não se dá ‘o’ momento da impressão original como tal, como origem pura. Sempre haverá na origem uma diferença, um diferimento enquanto que os traços mnêmicos entrarão na cadeia significativa a posteriori.

O *pharmakon* do arquivo é (a possibilidade de) a sua repetição, (do) seu retorno, e com isso guarda uma dívida à psicanálise enquanto a sua condição de possibilidade é a transferência, uma reedição e reimpressão de arquivos. Mas o *pharmakon*, nos lembra Derrida, não é só remédio.

Aproximando-nos da conclusão, recaímos num aspecto central: o arquivo retorna, o arquivo é o seu próprio retorno, mas as vias do retorno não estão constringidas por uma antecipação calculadora e o retorno do mesmo, enquanto tal, não se dá se não introduzimos uma alteração do ‘mesmo’. É evidente que a questão do arquivo mina outro tema fundamental, cuja história impõe respeito: o da verdade (sobre o qual já tratámos quando comentámos que a transferência coloca em jogo algo da verdade).

Chegados a este ponto, podemos afirmar que a transferência é um momento predestinado e preferencial para o retorno do arquivo, inclusive de um arquivo que faltou na sua origem e que pode chegar a ser apenas como efeito de retardo, como temporização. Há uma ausência na origem e esta *béance* é o mal de arquivo que inscreve a verdade como contaminada pela ficção enquanto se dá uma falta da verdade na verdade, tal e como assinala Lacan com a escritura $S(A)$. O arquivo, o seu mal, seria para Lacan ‘propriedade’ do registro

simbólico e só por isso pode retornar – entre desvios e suspensões – na cadeia significante. A questão da ‘propriedade’ do arquivo em relação à ordem simbólica em Lacan aparece entre aspas porque implica uma série de questões. Evidentemente, em Derrida a questão é muito clara: o arquivo não pode ser apropriado sob nenhum registo enquanto “tanto produz quanto registra o evento” (Derrida, 2001, p. 29). O mal de arquivo encarnado no seu retorno mostra a falta do significante que representa o sujeito para outro significante, o sujeito barrado, o significante elidido na cadeia: (ele) não sabe nada disso. Essa é a verdade com a qual nos reencontraremos ao nível do inconsciente, *ça parle, ça se desconstrói*, uma verdade sem rosto e fechada. Em definitivo, uma verdade sem verdade enquanto não responde nem à *aletheia* nem à *adaequatio*, modalidade pertencentes ao *logos* e à palavra que se *auto-escuta* no ouvir-se falar. Mas o inconsciente e os seus retornos do arquivo pertencem a outra cena¹¹.

É assim como, de cena em cena, o arquivo e a transferência rodeiam o delicado domínio do testemunho. O rodeiam, o assediam, porque a transferência, como vimos até aqui, perturba o fundamento da verdade e, por conseguinte, do testemunho. Derrida, em *Demeure. Fiction et teimogne*, mostrou como o testemunho está contaminado por certa ficcionalidade estrutural (Derrida, 1996, p. 23). Não duvidamos disso, mas nos perguntamos onde está ancorada essa ficcionalidade, a que é inerente. Em relação a isso, levanta-se a sombra de Lacan, projetada desde um texto que entrou na história – e na história particular de Derrida:

C'est pourquoi nous avons pensé à illustrer pour vous aujourd'hui la vérité qui se dégage du moment de la pensée freudienne que nous étudions, à savoir que c'est l'ordre symbolique qui est, pour le sujet, constituant, en vous démontrant dans une histoire la détermination majeure que le sujet reçoit du parcours d'un signifiant. C'est cette vérité, remarquons-le, qui rend possible l'existence même de la fiction. Dès lors une fable est aussi propre qu'une autre histoire à la mettre en lumière, – quitte à y faire l'épreuve de sa cohérence (Lacan, 1966, p. 11)

¹¹ No último Lacan a pertença seria a ordem do *mi-dire*, o meio-dizer ou dizer a meias, termo aparecido pela primeira vez no prefácio ao livro de Rifflet-Lemaire (1970, p. 10).

O que torna possível a verdade como ficção e a contaminação mútua entre ambas é a ordem instituída pelo significante – a linguagem – e tudo aquilo colocado em movimento a partir dele: metáfora e metonímia, condensação e deslocamento, nesses tropos ou processos radica a contaminação entre verdade e ficção, a sua relação indissolúvel. Lacan não deixará de insistir que é sob a égide do *Autre* como lugar da palavra que pode haver entre dos sujeitos um testemunho fiável, uma garantia à qual remeter-se, não enquanto outro ente, mas enquanto lugar da palavra. Nesse impasse acodem a nós as palavras do poeta, a sua escritura:

Ormai so che queste *note di diario* non contano per la loro scoperta esplicita, ma per lo spiraglio che aprono sul modo che inconsciam. ho di essere. Quel che dico non è vero, ma traduce –per il solo fatto che lo dico– il mio essere (Pavese, 1992, p. 12)¹²

Só no registo da linguagem é possível dizer a verdade – mesmo que seja através da mentira – e mentir mediante a verdade. Para isso podemos citar a famosa piada dos dois judeus, tão amada por Freud, Lacan e Derrida:

Numa estação ferroviária de Galitzia, dois judeus encontram-se no vagão. “Onde viaja?”, pertunga um. “Para Cracóvia”, é a resposta. “Mas que mentiroso é você” – protesta o outro. “Quando diz que viaja para Cracóvia quer fazer-me acreditar que viaja para Lemberg. Mas eu sei muito bem que realmente viaja para Cracóvia. Porque mente, então?” (Freud, 1979, p. 108).

Esses jogos que misturam verdade e mentira, que contaminam tanto a ficção como a veracidade com o seu par oposicional, quiçá sejam antecipados e gerados pelo mal de arquivo, seu retardo, seu efeito *après coup*, que fazem impossível – no registo simbólico, onde não há apagamento sem resto – seu retorno ao seu lugar de origem puro e incontaminado.

¹² “Já sei que estas *notas de diário* não contam pela sua descoberta explícita, mas pela brecha que abrem sobre o meu modo inconsciente de ser. Aquilo que digo não é verdade, mas trai – pelo fato de que o digo – o meu ser.” (Tradução do autor).

De resto, fica a mentira absoluta como apagamento sem resto. Para a psicanálise, onde se dá um apagamento sem resto se entra numa zona onde verdade e mentira, realidade e ficção, em suma, tudo aquilo que pertence ao sentido, já não tem razão de ser: é a *Verwerfung*. Freud, muito cedo, a desligou do recalque com um exemplo muito conciso:

Nos dois casos considerados até agora [histeria e neurose obsessiva], a defesa frente à repressão inconciliável acontecia mediante o divórcio entre ela e o seu afeto. Mas a representação, mesmo enfraquecida e isolada [*isolieren*], permanecia dentro da consciência. Agora, existe uma modalidade defensiva muito mais enérgica e exitosa, que consiste em que o eu desestima [*verwerfen*] a representação insuportável junto com o seu afeto e se comporta como se a representação nunca tivesse comparecido. *Só que no momento no qual se consegue isso, a pessoa encontra-se numa psicose que não admite outra classificação que 'confusão alucinatória'* (Freud, 1976, p. 59).

Aquilo que é desestimado (*verworfen*) não tem possibilidade de retorno na cadeia significativa, porque tanto a representação como o afeto aderido a ela foram apagados. Portanto, já não existirá possibilidade de reinserção nos estratos do sentido, na medida em que não existe sonho que possa colocar em cena, ou lapsus que trate de indicá-lo no seu jogo de palavras: não há rasto de formações do inconsciente para aquilo que é desestimado porque o afeto não foi deslocado. Mas haverá apesar de tudo um retorno e se dará em outro registo, no real; e Lacan cunhará uma palavra para esse processo: a *forclusão*. Para tudo aquilo que não pode manifestar-se ao nível do simbólico, a sua volta se dará no real – aspecto já presente na citação proposta de Freud, mas com outras palavras: *'confusão alucinatória'*.

A pergunta que se coloca, capciosa, é se também a mentira absoluta, enquanto apagamento absoluto, está precedida pelo arquivo e seus males. Não se trata também de um mal de arquivo – do seu retorno – quando falamos da *Verwerfung* e da sua versão lacaniana, a *forclusão*? Em certo sentido sim, porque, mesmo que o plano não seja o do registo simbólico e o retorno se dê numa zona *hors-signifié*, sempre estamos falando de um arquivo e do seu mal: um retorno que não pode ser controlado, uma volta que segue as

leis misteriosas do espaçamento e da temporização, um mal de arquivo inscrito, quiçá, *em* ou *com* a *différance* como apagamento da origem.

O ‘arquivo’, o da *impressão* freudiana, continua bem longe de ser captado na prótese (do arquivo) que sustenta a realidade contemporânea, uma época que não se livrou – que inclusive continua mais presa – da raivosa vontade de apropriação do arquivo, sem considerar que continua sendo o mais próximo e o mais longínquo de uma consignação completa. A distância continua – e continuará – vigente, porque não se vislumbrou ainda o mistério que rodeia o registo e o rasto, o registo do rasto, aquele momento inaugural e sem origem no qual a *Spur* se imprime num suporte. Não dispomos nem de *mnéme*, nem de *hipomnéme* para (ele) isso. Freud, através da sua doutrina e da sua práxis, mostra os caminhos para uma reescrita da problemática do arquivo: “Não é por acaso que privilegia as figuras da marca e da tipografia” (Derrida, 2001, p. 8). E ninguém como Derrida – é o caso de subscreve-lo – soube exumar esse sintoma que resiste em Freud, com Freud, o do mal de arquivo, o da “impaciência absoluta de um desejo de memória” (Derrida, 2001, p. 9).

Traduzido do espanhol por Susana Guerra e Eduardo Pellejero

Artigo recebido em 08.02.2014, aprovado em 25.08.2014

Referências

ALEMÁN, J. *Derivas del discurso capitalista*. Málaga: Miguel Gómez Ediciones, 2003.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

- DERRIDA, J. *Passions de la littérature. Avec Jacques Derrida*. Paris: Galilée, 1996.
- FREUD, S. *Cartas a Wilhelm Fliess*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.
- FREUD, S. *Obras completas vol. I*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982.
- FREUD, S. *Obras completas vol. III*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976.
- FREUD, S. *Obras completas vol. VII*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1978.
- FREUD, S. *Obras completas vol. VIII*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1979.
- FREUD, S. *Obras completas vol. XVIII*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1979b.
- LACAN, J. *Écrits I*. Paris : Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN J. *El Seminario de Lacan. Libro VII. La ética del psicoanálisis, 1960-1961*. Buenos Aires : Paidós, 1988.
- LACAN J. *Le Séminaire de Jacques Lacan, Livre VIII. Le transfert, 1960-1961*. Paris : Éditions du Seuil, 1991.
- LACAN J. *Le Séminaire de Jacques Lacan, Livre XVII. L'envers de la psychanalyse, 1969-1970*. Paris : Éditions du Seuil, 1991.
- PAVESE, C. *Il mestiere di vivere*. Torino: Einaudi, 1992.
- RIFFLET-LEMAIRE, A. *Jacques Lacan*. Bruxelles : Charles Dessart, 1970.

